

ARTIGO DE OPINIÃO – MODELO

Patrimônio, arte e cultura: o passado a serviço do presente e do futuro.

Sem paranoias nem mistificações

Por Gislaine Buosi

Quando se fala em arte e cultura a serviço da sociedade, vem à tona o polêmico artigo de Monteiro Lobato, qual seja, *Paranoia ou mistificação*, a propósito de cada centímetro das telas pintadas por Anita Malfatti, nos idos 1917. Quase cem anos depois, as palavras deselegantes endereçadas à artista plástica ainda reverberam. À época, o autor do Sítio do Pica-pau Amarelo não sabia que a arte, que ele pretendia bem comportada, tem também o papel de provocar contestações, de chocar o público, e não apenas de acariciá-lo.

Ora, é bem verdade que o expectador de arte, por vezes mal acostumado, por ingênuo feito aquele Lobato, quando paga pelo ingresso a um museu ou a quaisquer espaços que abriguem obras de arte, espera deslumbrar-se com a delicadeza das tintas bem desmanchadas que reinterpretem o belo, o virtuoso. Todavia, o que se não pode deixar de lado é o fato de um artista ser uma antena de sua época – inevitavelmente, seja com a métrica dos versos, com o timbre da voz ou com paleta de cores, o artista despeja suas inquietações que, nem sempre são adereços de parede. Darwin já provou que, entre outras determinantes, o meio e o momento histórico não só desenharam o perfil do ser humano, como também lapidam o senso crítico dos intelectuais.

Assim, um dos meios mais eficazes para acessar o passado – e, consequentemente, entender o presente e projetar o futuro – são as obras de arte, cujos traços são a radiografia de cada povo. Só para exemplificar, apreciar o *Homem Vitruviano*, de Leonardo Da Vinci, significa apreender as profundas transformações estéticas, políticas e filosóficas propostas pelo Renascimento italiano.

É por essa razão que galerias de arte devem ser compreendidas como instituições que guardam não apenas louça e ouro, ou seja, objetos estéticos, mas também a memória cultural de um povo; sendo assim, visitar um desses espaços é, de certo modo, conhecer um pouco mais sobre si mesmo, uma vez que as identidades são construídas social e coletivamente. As obras de arte, portanto, fazem parte não só do patrimônio material, mas também, e principalmente, do patrimônio imaterial da humanidade.

Por tudo isso, para que a memória cultural, síntese de um povo em determinado espaço e época, toque as novas gerações, é preciso democratizar o acesso aos museus e aos demais espaços de arte. Afinal, a Torre Eiffel, a Estátua da Liberdade e o Cristo Redentor devem saltar das fotografias e entrar para a formação artístico-cultural, inclusive, dos turistas.